

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES – IARTE
CURSO DE TEATRO

JULIANA MARQUES DOS SANTOS

COMO CHORAVAM MEUS AVÓS
Passagens teatrais com idosos no espaço Belo Amanhecer

UBERLÂNDIA

2019

JULIANA MARQUES DOS SANTOS

COMO CHORAVAM MEUS AVÓS

Passagens teatrais com idosos no espaço Belo Amanhecer

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia – UFU, como requisito para a obtenção do grau de Bacharel e Licenciada em Teatro.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Mariene Hundertmarck Perobelli.

UBERLÂNDIA
2019

JULIANA MARQUES DOS SANTOS

COMO CHORAVAM MEUS AVÓS

Passagens teatrais com idosos no espaço Belo Amanhecer

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia-UFU, como requisito para a obtenção do grau de Bacharel e Licenciada em Teatro.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.º Dr.º Getúlio Góis de Araújo
ESEBA-Universidade Federal de Uberlândia

Prof.ª Dr.ª Rosemeire Gonçalves dos Santos
Universidade Federal de Uberlândia
Instituto de Artes - IARTE

Prof.ª Dr.ª Mariene Hundertmarck Perobelli
Universidade Federal de Uberlândia
Instituto de Artes – IARTE
Professora Orientadora

Defesa realizada em 18 de Dezembro de 2019.

UBERLÂNDIA

2019

AGRADECIMENTOS

Ao Curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia.

Aos meus professores de toda vida por quem nutro grande respeito e admiração.

Aos técnicos do Curso de Teatro que sempre dão um tanto a mais de aula para aqueles que se achegam.

A Mariene, por me lembrar de que vida não é linha reta e que, portanto, uma pesquisa também não precisa ser. Por me ensinar que o pensamento pode ir longe, mas que os pés precisam estar cravados no chão.

Aos professores Rose Gonçalves e Getúlio Góis, pela gentileza de aceitarem ler essas desordens.

A casa de Repouso Belo Amanhecer e toda sua equipe, pelo acolhimento e pela dedicação em conjugar o verbo *cuidar*.

À Abadia, Marina, Hilda, Nina, por serem e me ensinarem a ser.

Ao Sr. Juscelino, por enxergar e ser a delicadeza da vida.

Aos amigos do peito Bia Pantaleão, Giovanna Parra, Joaquim Vital, Kairo Morlin e Lucas Mali, por deixarem a vida mais leve e densa ao mesmo tempo.

Aos amigos de sempre Eder, Juliana, Léo e Maria, por me fazerem sentir, pela primeira vez, que existia nesse mundo a possibilidade de pertencimento.

À Paulina, por ser um respiro nesse mundo de sufocos.

À Tamara pelos cafés, por desistir das dietas, pelas conversas sobre o tempo.

Ao Mario pelas coreografias que eu nunca aprendi até o fim. Pela vida compartilhada.

À Ruth pelas conversas que renovam, pelos olhos de jabuticaba, por podermos ser sempre “professora uma da outra”.

Aos meus pais por tanta luta sem perder o peito aberto.

Aos amores de toda a vida.

“(…) não nos afastemos.

Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas”.

(Carlos Drummond de Andrade)

RESUMO

Este trabalho é uma reflexão sobre a minha experiência como professora de Teatro para idosos. Nele apresento minha prática como professora entrelaçada (como sempre está) à minha trajetória de vida. Faço, ao longo do texto, um jogo de narrativas, uma espécie de memorial do processo compartilhado com idosos, criando uma dramaturgia desta vivência. Ao fazer as narrativas, brinco com o tema da memória que é, ao mesmo tempo, lembrada e inventada. Apresento este texto como uma experiência estética da minha própria trajetória, para lembrar-me e me permitir ser, sempre que possível, professora e artista.

Palavras-chave: teatro com idosos, memória, apagamento, trajetória, narrativa.

SUMÁRIO

1.	APRESENTAÇÃO	p.1
2.	DOIS EIXOS	p.4
3.	A ESCRITA COMO MEMÓRIA	p.6
4.	ÁLBUM DE FOTOS	p.8
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	p.29
6.	FOTO PARA OUTRO ÁLBUM	p.32
7.	BIBLIOGRAFIA	p.33

APRESENTAÇÃO¹

Lembranças não são fatos, mas as verdades que constituem aquele que lembra. Recordações são fragmentos de tempo. Com elas costumamos um corpo de palavras que nos permite sustentar uma vida. Quem conhece as pessoas e as situações aqui contadas poderá rememora-las por outros caminhos, a partir de suas próprias circunstâncias. Ao descrever aqueles que morreram, possivelmente confronto as reminiscências de outros. Os que ainda vivem talvez discordem do que neles adivinho porque enxergam a si mesmos de modo diverso. Esta é a minha memória. Dela eu sou aquela que nasce, mas também sou a parteira (Brum, 2014, p.9)

Eu sou Juliana. Esta é coisa que mais me lembro de mim. A lembrança mais certa e linear que conheço de mim. Talvez por estar presente em todos meus lugares e por não ser tão verdadeiramente retilínea é que ela se pareça com tal. Não há dúvidas sobre eu ser Juliana. Eu sou Juliana da cabeça aos pés. Mas poderia ser *Dora, Lia, Léia, Paulo, Juca, Carlos, Rita, Dito, Pedro*². Eu poderia ser todos esses nomes, se eu não fosse o meu.

A segunda coisa de que me lembro de mim é que sou mulher, memória que embora pareça ocupar a mesma exatidão de meu nome, não é, nem nunca será linear. Fui me percebendo mulher ao longo dos meus anos de vida e desconfio que ainda vá descobrir outras mulheres que em mim vivem sorradeiras, olhando pelos cantos, esperando a hora de agir, de pés mais dentro ou longe da terra. Isso só o tempo dirá.

A terceira e última coisa de que me lembro de mim é que tenho memória muito boa para movimentos de mãos, sorrisos, jeitos de olhar, desenhos de quadris, movimento das bocas mastigando, sons, melodias, ritmos. Minha memória falha nas letras. Não sou boa para lembrar coisas que leio. Não tenho boa memória para ligar nomes a caras. Não sou boa em dar nomes aos bois. Nem sempre me lembro exatamente do que digo. Mas sempre me lembro do que ouço (quando ouço).

De resto eu não sou mais nada, a não ser uma invenção de mim mesma e de outros. Digo que sou invenção, pois reconheço em mim os traços que criei para ter e ser minha própria imagem. Reconheço o quanto da imagem que passo é resultado das construções que fiz sobre a pessoa que quero (mesmo inconscientemente) parecer. Reconheço também que construí não apenas uma única versão de mim: eu sou muitas e me lembro de ser muitas. Compreendo também que isso que inventei ser tem em sua origem o que inventaram de mim, outras bocas que disseram que tipo de Juliana eu era e seria.

Eu fui me aprimorando no feito de me inventar, de ser outra coisa, de me batizar com outros nomes. Por um bom tempo (tempo que estimo mais pela certeza da memória do que

¹ O título deste trabalho é uma referência à canção de Flavio Tris, intitulada *Pra ver a Voz*.

² Referência à canção *Flor da Idade* de Chico Buarque.

pela duração do ato), quando criança, minha brincadeira favorita foi caminhar em volta da casa onde morava e imaginar como poderia ser a minha vida se eu fosse exatamente outra pessoa. Me imaginava morando em outra casa, tendo outros pais, outros cachorros (um canil, eu teria um canil!), outro cabelo, olhos, pele, peso. Hoje isso parece muito com algo que pratiquei ao longo da minha vida (que embora pareça curta, eu me recuso a acreditar que 26 anos seja pouco tempo): o amargor do não pertencimento e a vontade de ser qualquer outra coisa que não fosse eu mesma.

Eu sempre fujo dos encontros comigo mesma, por isso me invento.

Depois, comecei a inventar pessoas com as quais conversava. Eu dizia coisas. Esperava a resposta. Respondia. Fui flagrada inúmeras vezes pelo meu pai, ou qualquer outro homem da família (mas que na minha memória se converteram todos no meu progenitor), que sempre com uma crueldade — típica dos homens adultos que me foram apresentados pela vida, disfarçada de piada, soltava: “Tá conversando sozinha, Juliana? Tá parecendo o Ricardo”. Ricardo é (ou era) meu irmão “problemático”, com uma dependência química que fazia toda a família se revirar. Hoje acho que o problema não era a dependência química, mas a pessoa que ele se tornou no decorrer de sua adolescência (antes de depender de algo), quando perdeu a mãe e só lhe restou um pai, homem, bruto, capricorniano, macho, que é o meu pai. Penso isso hoje, mas na época eu odiava ser comparada com ele, pois nele depositava todas as minhas dores de criança esquecida por deus.

Hoje não ando em volta da casa brincando de ser outras pessoas, mas faço teatro, que é quase a mesma coisa — caminhar pelo espaço e se experimentar de outros modos. Talvez essa escolha de profissão tenha sido só mais uma forma de fugir da vida imposta (sabe-se lá por quem), de permanecer na brincadeira. Eu sou dada demais aos prazeres para trabalhar em algo em que eu não possa ser um pouco louca. Eu ainda converso muito sozinha, tenho discussões e concedo entrevistas. Faço isso, nesse momento em que escrevo. E nesse momento em que escrevo, apresento outra invenção de mim, esta que aparece quando experimento ser essa outra mulher que também em mim habita, a mesma que bebe e se permite enlouquecer. Escrever é um entorpecente poderoso. O que mostro aqui é uma parte de mim que inventei, aquela que escreve, e que, ao fazê-lo, se reinventa também.

Este processo dramático que tenho de mim (e desconfio que todos tenham um grau de performatividade de si mesmo) também se ramifica no modo pelo qual olho as pessoas ao meu redor. Eu sempre crio hipóteses sobre os outros, embora não goste quando fazem o mesmo comigo (só eu posso me inventar!). Eu tenho o meu modo de me lembrar dos outros. Eu recrio os outros na minha memória, porque me lembrar do outro é me lembrar muito mais

da pessoa que sou diante deste. Este texto é um exemplo disto.

O que eu faço aqui é um desenho da experiência que vivi no Espaço *Belo Amanhecer* — casa de repouso situada na cidade de Uberlândia, onde realizei as disciplinas de *Estágio Supervisionado III e IV* e *Oficina de Montagem Cênica I*, no segundo semestre de 2017 e primeiro semestre de 2018, atuando como professora de Teatro para idosos — junto com as narrativas de minhas passagens de criança, passagens que me fizeram me inventar. Este texto é uma apresentação e recriação desses idosos (na sua grande maioria mulheres) com quem convivi.

Divido esse trabalho em quatro momentos. No primeiro, falo sobre os dois eixos de orientação que me guiaram durante os processos de estágio: a voz como instrumento de poder e o pertencimento como forma de resistência. No segundo momento, me dedico a falar sobre o processo de escrita e o que me ocorreu para que eu desnortasse minha pesquisa e resolvesse fazer do meu texto uma experiência artística. O terceiro é tecido por retalhos de memórias lembradas e inventadas, uma dramaturgia. Na quarta parte, finalização deste texto, busco o auxílio do autor Walter Benjamin, sobretudo no texto **O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**, para fazer uma breve reflexão sobre a sensação de apagamento social de sujeitos e histórias que testemunhei durante o estágio.

DOIS EIXOS

Como já dito, este trabalho é uma narrativa das experiências vividas nas disciplinas de *Estágio Supervisionado III e IV* e *Montagem Cênica I*, em que ministrei aulas de Teatro na casa de repouso *Belo Amanhecer*, na cidade de Uberlândia, durante o segundo semestre de 2017 e o primeiro semestre de 2018. Ambas as disciplinas foram orientadas pela professora Mariene Perobelli. Dois grandes eixos guiaram os processos vividos nos dois semestres, o primeiro trabalhado em dupla e o segundo individualmente.

O primeiro eixo trabalhado (em 2017) foi a perspectiva da voz como instrumento de poder individual e coletivo. Nesse período eu estagiava com outra estudante, Marianne Dias, com quem dividia os planejamentos, aulas, delícias e angústias do processo. Essa ideia surgiu, primeiramente, do desejo que Marianne tinha demonstrado, desde o início do semestre, em trabalhar o canto na cena teatral. Embora tivéssemos que adaptar esse desejo às possibilidades que tínhamos, foi sem dúvida a escolha mais sábia que fizemos. A ação de cantar juntas foi algo que se repetiu em todos os encontros e em cada repetição, a sensação de novidade retornava a nós: cantar pela primeira vez as canções que sempre cantávamos. Cantar renovava o encontro. O canto de alguma forma nos unia, professoras e idosas, e nos transformava em uma espécie de comunidade.

Outro ponto importante dessa trajetória primeira foi o reconhecimento da aula como uma espécie de ritual, transformada pelas próprias idosas, que na primeira oportunidade (quando fazíamos roda ou cantávamos uma música nova, por exemplo) davam-se as mãos e faziam uma oração. De início eu e Marianne nos opusemos a essa possibilidade, pois enxergávamos nela uma atmosfera que não julgávamos “teatral”. Depois, quando reconhecemos o rito como proposta artística e nos lembramos de quanto o ritual ainda existe dentro do teatro e das artes (às vezes nos esquecemos daquilo que é básico) incorporamos a nossa aula pequenos rituais de início e fim, sempre costurados nas vozes dessas mulheres que cantavam e rezavam ao mesmo tempo.

Nesse primeiro momento a turma era formada só por mulheres. Isso despertou em mim o desejo de abordar o imaginário dos papéis sociais do feminino, assim como os espaços simbólicos, sociais e políticos que esses papéis constroem e ocupam. Tratar disso, acionando a voz dessas mulheres, o canto-mulher, potencializou esse tema. Deixamos então que essas mulheres soltassem suas vozes para o mundo, dissessem, cantassem, gritassem, gargalhassem, falassem do que quisessem falar. Não se tratava de dar voz, mas se lembrar, ainda que timidamente, que ela existe e é instrumento de poder.

No segundo semestre, agora atuando sozinha na coordenação das aulas, tracei como eixo de trabalho o tema do pertencimento (o mesmo que me faltava e fazia andar em volta da casa querendo ser outra gente). Esse desejo havia surgido no semestre anterior, quando iniciei os encontros no espaço *Belo Amanhecer*, devido à recorrência do discurso (dito pelas próprias idosas) sobre a finitude da vida, e com ela, dos sonhos, dos desejos, das possibilidades de ainda ser.

Para trabalhar essa perspectiva decidi inicialmente que exploraria os cinco sentidos, pois são eles que nos dão o contato direto com a vida material, que nos lembram de que estamos vivos. Meu desejo era recuperar a memória da vida pela própria vida, que é sonora, gustativa, visível e palpável, vida que se sente pelo cheiro do novo e do velho, do maduro e do fruto ainda verde. Estar vivo, sentir a vida.

A prospota funcionou por pouco tempo, nas três primeiras aulas. Alguma coisa estava diferente nesse novo semestre. Elas estavam mais cansadas, eu estava mais cansada. Me deparei com a dificuldade de me colocar presente naquele espaço. Ser e só ser. Em dado momento as minhas aulas começaram a se assemelhar a meras visitas (e eu sou professora de teatro, ora!).

A partir desta dificuldade de me colocar presente, de estar eu pertencendo à vida, que naquele instante se apresentava pra mim como velhos sentados em cadeiras, me dediquei a trabalhar em mim o pertencimento. Transformei minhas aulas em encontros simples, me tornei a *moça do violão*, a visita que não era da família de ninguém, visita que só é visita. Ser eu. Passei então a praticar o meu pertencimento. Como querer compreender algo sem que ele corra nas suas veias?

A ESCRITA COMO MEMÓRIA

Quando decidi escrever sobre a experiência que vivi no espaço *Belo Amanhecer*, não tinha em mente que seria pega justamente pelo principal tema que guiaria minha escrita, a própria memória. Inicialmente minha intenção era escrever um texto retilíneo, levantando questionamentos sobre o trabalho que realizei junto de idosas, costurados pela perspectiva da memória (já que muitas delas possuíam a doença de Alzheimer). Eu faria isso de modo que a escrita e posteriormente a leitura seguisse um fluxo de raciocínio pelo qual pudéssemos, eu que escrevo e qualquer que seja o leitor, construir uma imagem sobre essa experiência. Um raciocínio lógico, coeso, com linearidade.

Mas, às vezes, por algum motivo muito irônico, nós tropeçamos exatamente onde devíamos tropeçar. Então eu queria falar de teatro e memória através de uma experiência com mulheres que não lembravam meu nome? Eu queria criar uma narrativa retilínea de um processo espiralado, sem começo e fim definidos? Transpor essa experiência para a escrita de forma tão certa seria quase como trair o meu próprio processo, pois ele foi sim um redemoinho, foi um esquecimento do que eu compreendia como aula de teatro.

Por sorte ou azar declarado, quando eu me pus a tentar escrever de forma reta, as palavras me sumiram, me sumiram as memórias das minhas aulas e me restavam alguns *flashes* do que havia sido. Apenas memórias de mãos, olhos, palavras que se repetiam. Deparei-me com o meu próprio processo amnésico, de esquecimento das coisas que eu já julgava entender. Restavam-me nada mais que minhas anotações, minhas frustrações e meu desejo de colocar isso no papel.

Pensando na memória que não se apresenta de forma retilínea e constante, decidi brincar com a minha experiência escrita como se ela mesma fosse um rastro da memória que se recorta, fragmenta. Memória que se reinicia quando é lembrada. Faço uma escrita do que a memória me permite criar. Costuro aqui retalhos de memórias vividas nesse espaço com essas pessoas. A cada momento que retomo a minha memória invento algo novo e, ao partir de uma realidade (que não é só uma) presenciada, recrio essas pessoas com as quais me relacionei. O que mostro aqui é esse processo de reinvenção de mulheres, baseado no meu encontro com elas.

Decido então reunir fragmentos de textos, relatos de caderno de campo, memórias que me assaltam nas horas vagas e não vagas, textos que li e que creio dialogarem com a minha experiência, músicas que cantei nas aulas ou nos caminhos de ida e volta, que me ligam ao mundo velho, à ancestralidade. Traço também, entre as memórias do meu processo

como professora de idosos, memórias da minha infância que acredito apontarem uma faísca dos enfrentamentos que tive durante esse processo, infância que me faz a mulher que hoje sou e que anuncia a velhice que um dia me encontrará.

Lanço-me aqui, na tentativa de transformar experiência em quase poesia, num trajeto dramático, a unir forma e conteúdo. Falo de pessoas esquecidas de si e pelos outros, falo de memórias fugitivas, infiltradas, fantasmas que aparecem quando assim desejam. Para isso lanço mão de uma escrita fragmentada, como relâmpagos que em fração de segundos iluminam todo um céu escuro e logo se desfazem.

Busco na literatura a referência para uma escrita poética, pois creio que meu trabalho esteve muito mais em buscar a poesia que habitava aquelas idosas, do que procurar dados científicos sobre a doença de Alzheimer que abraçava quase todas. Acredito que é este também o meu papel como artista: transformar, ressignificar, transportar a realidade para o plano da criação. Quando escrevo essas memórias, quando recrio essas mulheres, lembro que sou uma artista, atriz e professora de teatro.

É importante pensarmos sobre a pesquisa artística, a busca pelas referências artísticas que nos circundam. Pois não é a literatura também uma pesquisa qualificável? Descubri, durante a escrita, a necessidade de me juntar aos meus pares, aos trabalhadores da arte, às pessoas que dedicaram e dedicam a sua vida a trabalhar a forma como conteúdo, a considerar a obra de arte (não só o estudo sobre ela) também como referência.

Convido você que me lê a olhar para essa escrita como uma experiência artística, uma literatura curta, pequenos contos. Fotos de um álbum pessoal. Abra o álbum, retire a poeira e olhe para essas fotos. Olhe para elas, veja as pessoas que aqui estão. Tento recuperar a sensação de quando se olha uma foto antiga de si mesmo de uma época que não se tem memória. Você olha a foto e não se reconhece mesmo se reconhecendo. Você olha foto e se reconhece mesmo não se reconhecendo? A melhor forma, pelo menos a melhor até agora, foi olhar para minha experiência como esse álbum aberto em páginas aleatórias. Enxergar a imagem que se apresenta e lembrar (com o esforço que esse verbo requer) como dela fiz parte.

**Dica de leitura: respire fundo. Dê uma pausa. Tome um café. Atente ao tempo: não começa, não termina, é nunca, é sempre. (Maria Bethânia)*

ALBUM DE FOTOS

FOTO

Memória: me-morria.³

FOTO

Tudo que nos constitui, que nos dá identidade, é memória. Arrisco dizer, inclusive, que em sua grande parte, memórias que não são nossas. É inegável dizer que uma parte dos nossos hábitos, valores, costumes que nos dão identidade, são memórias muito anteriores a nossa, vêm do convívio com outras pessoas com as quais trocamos nossas experiências de vida.

Costumes básicos como o horário de comer, de dormir, as músicas que conhecemos, a religião que seguimos ou não, a forma como enxergamos as outras pessoas, o que pensamos sobre política, são resultado de um convívio com determinado grupo de pessoas que, mesmo não possuindo os mesmo hábitos que nós, são corresponsáveis por eles. Somos como um bordado, hora e outra passamos a agulha para alguém costurar por nós o nosso próprio tecido.

FOTO

Terceira aula.⁴

De que serve a minha aula de teatro nesse espaço? Como me preparar para existir aqui?

Como transformar a minha aula em uma experiência artística?

Eu não sei.

FOTO

Sempre que eu pensava nas palavras corpo e movimento meu pensamento me guiava a imagens de corpos jovens, de preferencia velozes e alongados. O que eu ignorava era a compreensão do corpo que é (antes de veloz, jovem, alongado, dançante, artístico) simplesmente corpo. Comecei, então, a me lembrar dos outros corpos que me cercam, corpos que andam juntos nas faixas de pedestre, corpos que estudam geografia, corpos que lavam louças, corpos que sentam em calçadas, corpos que dirigem ônibus, corpos que atendem telefone, corpos que medem pressão arterial, corpos flácidos, corpos trêmulos, corpos de Marinas, Abadias, Hildas. Não são, todos esses, também corpos?

FOTO

³ Trecho do espetáculo *Da arte de subir em telhados* da ARMAZÉM CIA DE TEATRO.

⁴ Todos os textos destacados em itálico foram retirados do meu caderno de campo.

Eu não quero reler isso que estou escrevendo.

FOTO

Se distanciar da experiência vivida para depois refletir sobre ela é, em partes, interessante, pois traz um olhar mais amadurecido sobre ela própria, pois quando se vive a experiência, quando se está mergulhado nela, algumas coisas parecem meio nubladas pela camada emocional que essa vivência demanda. Porém, ao mesmo tempo o distanciamento da experiência a coloca longe demais do momento agora. Então é preciso parar e voltar. Revisitar as escritas, os lugares, revisitar-se.

FOTO

Fritz carrega verdades absolutas demais. “O certo é o nome do pai e da mãe”⁵, “o sapato saiu”, “reza devagar pra a gente entender”, “acho que o macho é o de lá, ele é mais forte”.

FOTO

Dedo indicador apertando o botão do interfone. Essa é a imagem que representa as minhas chegadas no Belo Amanhecer. Sempre um frio na barriga, as pernas trêmulas. A sensação de ser pequena. Vulnerável. Eu sentia em mim uma responsabilidade enorme que eu parecia não dar conta, acompanhada de uma sensação de não estar preparada para aquilo (Para onde é que a gente vai quando a gente nasce?). Eu não tinha muitas certezas, aliás nenhuma. O sentimento de que tudo daria errado. Eu desejava, no fundo, que não tivesse ninguém lá dentro, que não abrissem a porta e que eu não tivesse que me virar, encontrar aquelas pessoas, mostrar a minha cara, a minha solidão, a minha pouca experiência. Trabalhar com idosos é se dar conta de que ainda existe muito chão. Eu torcia para que ninguém atendesse o interfone. Para que eu não precisasse dar aula nenhuma. Eu torcia os dedos para poder voltar pra casa e me esconder, aliviada de mim mesma. Eu tocava o interfone não querendo tocar. Querendo mais é que ninguém atendesse.

Sempre, sempre atendiam.

__ Oi. É a Juliana da aula de teatro.

Eu olhava para o caminho gigante a minha frente e não havia outra opção a não ser seguir. Vida que segue.

FOTO

⁵ Os textos entre aspas são falas tanto minhas, quanto dos idosos com quem trabalhei.

Esse foi um dia de cantoria. O violão no colo. A voz que sai quase como um pedido de socorro. Os olhos, nem todos, virados para mim. Uma música, dessas que “expressa o íntimo da gente”. Marina me olha, levanta as sobrancelhas e diz “Você tem uma voz sentimental”. A cabeça faz um movimento circular enquanto ela diz “sentimental”. (SEN- a cabeça se inclina levemente para baixo e para trás, o queixo se aproxima do peito; TI- a cabeça está levemente recuada, um pouco atrás do restante do corpo, como se pegasse impulso; MEN- a cabeça se direciona para cima, bem no centro do corpo como se fosse flutuar; TAL – a cabeça se inclina para frente, um pouco adiante do restante do corpo, quase como quem entrega algo com a ponta do nariz). Nesse momento eu me orgulho de mim. De ser quem sou. De ter escolhido ser atriz. De ter escolhido ser professora. De ter escolhido ser professora de teatro. De ter escolhido ser professora de teatro para idosos. Me sinto orgulhosa de conseguir encontrar o íntimo do outro. De tocar ou fazer tocar no outro aquilo que em mim é tato. Eu me sinto orgulhosa de ter escolhido o teatro como forma de comunicação. A cantoria como grito de dor e de gozo. Eu me orgulho de ser mulher e de reconhecer a minha força nisso. Me orgulho de ser mulher que olha, enxerga, admira e ama outras mulheres. Sinto orgulho de me encontrar com essas mulheres antigas. Orgulho de que minha voz soe sentimental e não autoritária. Sinto orgulho de tocar exatamente como gostaria de ser tocada. Me orgulho de minha delicadeza. Me reconheço delicada e sentimental. Me orgulho de cada passo. Me orgulho de, por escolha ou falta dela, não desistir desse encontro.

FOTO

Eu sinto uma enorme distância entre mim e o que vivi no espaço Belo Amanhecer. Eu não sei o que escrever de minha experiência. Parece que ela se esqueceu de mim. Como se ela existisse apenas no momento em que a vivo e depois se dissolvesse. Uma experiência quase amnésica. Eu me pergunto o que de mim no passado ainda existe em mim. Como eu mantenho viva a experiência?

FOTO

O sexo é uma das coisas mais ancestrais que existe em nós. Nina. Mulher. Louca. Velha. Menina. Sã. Sem pausa. Sem pecado. Sem arrependimento. Vivida. Sexual. Sem fim. Eu olho para essa mulher que insiste em atrapalhar todas as minhas tentativas de ser professora. Ela me desestabiliza simplesmente por sem quem é. Por ser, sem medo de ser. Ela alcança com tanta facilidade aquilo que eu traço como tarefa árdua. Como pode alguém ser e só ser? Eu respiro fundo e tento novamente retomar do ponto onde parei. Mas Nina é reticência infinita.

E segue, quase sem me notar. Fingindo ser louca de propósito. Falando dos pecados inventados para proibir nós mulheres do contato com esse mundo infinito de sabedoria e prazer. Eu me incomodo com a presença dela. O sexo na boca, na fala, na língua, no assunto, nas pernas, nos braços, nos olhos. Por isso o sexo é tão pecaminoso, porque ele nos faz parecer uma velha assanhada. Talvez por isso sejamos, nós mulheres, censuradas por reverenciá-lo. Nos reverenciarmos enquanto corpo criativo, sinuoso, profético, gerador. O sexo nos é proibido porque ele nos ensina. Uma mulher dona do seu prazer incomoda. Nina é retirada do espaço para que eu prossiga com a minha aula. Quantas mulheres precisarão ser retiradas do espaço para que minha aula prossiga? Isso tudo porque eu simplesmente não consigo ser e precise, portanto, seguir o meu plano? É nisso que eu acredito? Eu vou mesmo deixar que tirem essa mulher da minha aula? Eu não digo nada e Nina é retirada da minha aula como tantas mulheres são retiradas. Eu não digo nada e deixo que a retirem. Eu não digo nada e colaboro com o sistema machista, patriarcal pelo qual tenho tanta repugnância. Eu me calo. Quem cala pode até não consentir, mas colabora com o silenciamento. Nina é retirada da minha aula e eu não digo nada.

FOTO

[Respiro...fundo...deixo a raiva passar... volto].

FOTO

“Capricórnio”. Abadia sempre diz isso para mim. “O ponto fraco de capricórnio são os joelhos”. Eu sempre digo isso para Abadia. Ela coloca minha mão no seu joelho e me mostra como é envelhecer nos ossos. Eu tenho a sensação concreta de que somos realmente perecíveis, passageiros e que envelhecer é, sobretudo, entender o que se perde. Flexibilidade. Equilíbrio. Força. Jeito. Água. Destreza. O envelhecimento é o tempo nos ensinando deixar ir a aparência do que do que pensamos ser. Do que achamos que somos. Abandonar as nossas formas antigas e compreender que não deixamos de ser porque não somos mais aquilo que éramos. Sentindo os estalos do joelho de Abadia eu percebo a minha relação com tempo. A percepção que tenho de mim. A certeza da passagem. Passeio. Eu sinto os joelhos de Abadia, quase meus. Ponto fraco em comum.

FOTO

Eu me encontro diante do desafio de ser professora. Eu tenho a certeza de que, ao passar por esse portão, carrego comigo a responsabilidade de saber trocar a minha experiência,

compartilhar. O botão do interfone às vezes parece ser maior do que eu. E eu me sinto pequena. Eu aperto sem querer apertar o interfone, desejando como de costume, que porta nenhuma se abra. Me pergunto se estou preparada. A sensação é de que não existem formas de se prevenir de um encontro. Encontro é encontro, não doença. Olhar nos olhos e ser quem se é talvez tenha sido o grande desafio. Estar. Eu ali na coxia da minha aula, passando na cabeça o roteiro que criei e buscando a presença de quem se abre para o mundo. Eu aperto o interfone com medo de encarar o público de senhoras envelhecidas sentadas em cadeiras. Eu respiro fundo e ouço a voz da enfermeira no interfone.

__ Oi. É Juliana da aula de teatro.

Eu me desejo “merda” e entro em cena.

FOTO

Hoje foi bem difícil. Eu não sei lidar com interrupções. Eu tenho a sensação de estar perdida, tonta. É como quando as vistas se embaralham e você tem medo de andar... andar e cair... medo de cair...medo de ver tudo estraçalhado no chão.

Eu me olho no espelho e me vejo desesperada, fingindo um autocontrole. Eu me olho no espelho e me peço ajuda. “Ela fica se botando defeito”, Abadia disse isso de mim em um momento em que eu não estava apontando erros. Mas a fala dela faz sentido agora enquanto escrevo.

Mesmo quando tudo parece meio fora de ordem, para elas está tudo bem. Acho que os anos nos ensinam a aceitar o descontrole: Alzheimer, Parkinson, Esclerose são todas doenças que não aceitam comandos.

Hoje foi um dia difícil. Eu sempre me apavoro quando estou sendo observada... e a Mariene tem os olhos tão grandes. Eu fiquei com medo. Medo de ser ruim. Medo de que as coisas se quebrem no chão. Medo de que eu me quebre.

Ironicamente hoje falamos de caminho, percurso. Eu falei sobre levar tombos e dar gargalhadas dos tombos. Mas eu mesma quase nunca gargalho dos meus.

Eu estou pensando no meu percurso como professora. Talvez porque começamos a aula falando de caminho. Como eu consigo ser professora e passar por esses caminhos?

Hoje nada está fazendo muito sentido. Eu escrevo e acho patético tudo que coloco no papel. “Ela fica se botando defeito”.

Hoje foi um dia difícil. Eu quase finjo que não estou vendo a Mariene, mas sei que ela vê cada movimento meu, isso me apavora.

Eu estou falando muito de mim. Isso me incomoda.

FOTO

Eu tenho aproximadamente oito anos. Estou sentada em uma rede, na área de serviço de minha antiga casa. Junto de mim, na rede, estão vários lápis de cor que gosto de imaginá-los gentes. Na cozinha, uma panela de pressão que solta um chiado regular, panela que com certeza cozinhava feijão. Meu irmão está sentado no chão da área de serviço, brincando de não sei o que. Estamos os dois distraídos. Em um segundo a panela de pressão chia mais forte que o normal. Eu e meu irmão, assustados, corremos em direção a uma grade que divide o nosso quintal de outro enorme quintal, uma chácara, um matagal. Grudados na grade, com os olhos assustados ouvimos meu pai que da cozinha solta gargalhadas de nossos medos de criança.

FOTO

De início éramos eu, Marianne, Abadia, Marina e Fritz, ouvindo e cantarolando as canções do rádio. Logo se juntaram a nós praticamente toda a equipe do Belo Amanhecer, incluindo enfermeiras, cozinheiras e as outras pacientes que por algum motivo não quiseram participar da aula. A varanda foi tomada por uma cantoria intercalada de silêncio (silêncio esse de quem escuta atento ao que se ouve), todas aquelas pessoas reunidas por um único motivo, todas aquelas pessoas atraídas por um desejo. Naquele instante eu percebi a potência da sonoridade naquele espaço, percebi que seria por ali o caminho afetuoso por onde conseguiríamos perambular juntas.

FOTO

Acho que sou mais velha do que criança.

FOTO

As memórias que os nossos grupos de convívio possuem de nós são muito importantes para nós mesmos, principalmente se pensarmos nos campos do afeto e do pertencimento. Em muitas ocasiões buscamos nos membros dessas nossas várias comunidades (pois costumamos pertencer a mais de um grupo ao mesmo tempo ou em momentos distintos da nossa vida) o reconhecimento e rememoração de quem somos, tanto no aspecto individual (desejo me reconhecer enquanto indivíduo e por isso busco o grupo a que pertenço) quanto no aspecto coletivo (desejo que meu grupo se lembre de mim). É muito comum dizermos a alguém “você se lembra de mim?” ou até mesmo “você se lembra daquela vez?”, é importante para nós que

outros se lembrem de nós, dos nossos feitos, que compartilhem conosco a memória que têm de nós.

FOTO

Lembrança me lembra resquícios. Resquícios me lembra rastro. Rastro me lembra pistas. Pistas me lembra caminho. Caminho me lembra estrada. Estrada me lembra percurso. Percurso me lembra trajetória. Trajetória me lembra saudade. Saudade me lembra tempo. Tempo me lembra essência. Essência me lembra verdade. Verdade me lembra mentira. Mentira me lembra ficção. Ficção me lembra brincadeira. Brincadeira me lembra criação. Criação me lembra jeito de ser. Jeito de ser me lembra identidade. Identidade me lembra eu mesma. Eu mesma me lembra Juliana. Juliana me lembra um nome. Um nome me lembra outro nome. Outro nome me lembra outro nome. Outro nome me lembra Abadia. Abadia me lembra encantamento. Encantamento lembra música. Música me lembra Belo Amanhecer. Belo Amanhecer me lembra ser professora. Ser professora me lembra ser estudante. Ser estudante me lembra aprendizado. Aprendizado me lembra experiência. Experiência me lembra vivência. Vivência me lembra convívio. Convívio me lembra rotina. Rotina me lembra planejamento. Planejamento me lembra preparação. Preparação me lembra ética. Ética me lembra compromisso. Compromisso me lembra dedicação. Dedicação me lembra doar-se por inteiro. Doar-se por inteiro me lembra viver. Viver me lembra aprender o mundo. Aprender o mundo me lembra formação. Formação me lembra Universidade. Universidade me lembra comunidade. Comunidade me lembra coletivo. Coletivo me lembra força. Força me lembra poder. Poder me lembra reconhecimento. Reconhecimento me lembra espelho. Espelho me lembra reflexo. Reflexo me lembra semelhança. Semelhança me lembra união. União me lembra amparo. Amparo me lembra cuidado. Cuidado me lembra afeto. Afeto me lembra nutrição. Nutrição me lembra amamentação. Amamentação me lembra infância. Infância me lembra velhice. Velhice me lembra histórias. Histórias me lembra invenção. Invenção me lembra releituras. Releitura me lembra arte. Arte me lembra dever. Dever me lembra missão. Missão me lembra propósito. Propósito me lembra importância de ser feito. Importância de ser feito me lembra teatro. Teatro me lembra gesto político. Gesto político me lembra resistência. Resistência me lembra não se adaptar a regra. Não se adaptar a regra me lembra fazer diferente. Fazer diferente me lembra saber o que se faz. Saber o que se faz me lembra preparação. Preparação me lembra estudos. Estudos me lembra ensinamento. Ensinamento me lembra herança. Herança me lembra tudo aquilo que colaborou para que sejamos quem somos. Tudo aquilo que colaborou para que sejamos que somos me lembra memória.

Memória me lembra a capacidade de se reconhecer nos gestos acontecidos há 30 anos, há 30 meses, há 30 dias, há 30 minutos, há 30 segundos e agora... e agora...e agora...e agora...

FOTO

Um ponto importante a ser destacado é o caráter sagrado que o canto coletivo trazia para as nossas aulas. Sempre, durante a cantoria, a palavra Deus era dita. Vez ou outra (ou quase sempre) eram entoadas algumas orações. De início, eu e Marianne nos incomodamos muito com o estado que havíamos acionado, nós queríamos falar sobre teatro, não sobre o sagrado. Depois percebemos que, sim, poderíamos fazer teatro caminhando lado a lado com a ideia de divino, que o próprio teatro tem em sua essência o ritual, o teatro é sagrado, nós havíamos nos esquecido disso.

FOTO

O enorme terreno pra lá do fundo da minha casa era um asilo que eu nunca visitei. Todas as minhas vontades de entrar naquele espaço eram da forma menos pragmática possível (pulando a grade, cavando um buraco na terra pra atravessar por baixo). Talvez eu já deva ter pedido, alguma vez para ser levada até aquele espaço. O fato é: morava em mim uma curiosidade em estar perto daquelas pessoas, saber o que é que um monte de velhinhos faziam juntos em um quintal tão grande. Talvez por não ter tido um convívio com meus avós, eu desejasse poder ser neta de todos eles.

FOTO

A aula de hoje não aconteceu. Abadia não se levantou, Marina estava triste, Fritz dormia, Nina nunca faz a aula.

Eu não sei bem o que fazer comigo mesma. Me sinto péssima professora. Não tenho uma vontade verdadeira no mundo. Ruth tinha me dito que parecia que o semestre não tinha começado. Me pego pensando exatamente nisso.

Eu tinha me preparado, iríamos plantar, mexer na terra. Mas não deu certo. Eu não sei o que pensar. Estou decepcionada comigo mesma. Mas não tenho muito que fazer. Vaguei pelos corredores completamente perdida. Entrei nos quartos que não costumo entrar. Conversei ou tentei conversar com Lazineha. Também conversei com a senhora do Líbano, Dona Mariquinha. Vi Abadia de calcinha e sutiã, ela me olhou e disse “capricórnio” (ela se lembra de mim). Vi uma enfermeira falando sobre fezes endurecidas. Vi os olhos de Nina...menina...

Não cantei. Joguei conversa fora. Eu não sei o que escrever. Eu não sei dar aula de teatro para idosos. O lado bom é perceber que não sou tão importante assim. Não sei se é bom de verdade. Eu estou cansada, mas não quero me acomodar. Não quero ser uma péssima professora.

FOTO

Sentada em uma dessas cadeiras que se compra de vendedores ambulantes, Maria Abadia, num quase êxtase, recita o Salmo 91 da Bíblia, “e é grande!”. O corpo está entregue, voltado para cima, como querendo se desprejar da cadeira e de si mesmo. Eu estou sentada na cadeira de Maria (maria não, madeira), olhando e quase me enxergando nela, sendo ela “daria uma boa cena” ...imagino a luz que vai cedendo à voz da velha...: “Eu nasci em 2 de Janeiro de 1935, faz as contas”, Abadia... É assim que ela gosta de ser chamada. “Capricórnio”, e faz um gesto com a mão direita com certo orgulho, como se isso, “capricórnio”, fosse sinônimo de determinado.

Eu vejo na Abadia uma infância cobrada com juro. Eu me vejo nela. Ciclos. “Eu nunca quis casar. Meu pai dizia que quando falava em casamento eu corria”. Eu me vejo na Marina, velha com nome (e não só) de jovem. Marina morena, “Marina você se pintou”. Abadia canta e quando canta transborda. “Ó!”, diz apontando para o braço esquerdo sinalizando um arrepio. Eu também me arrepio com música.

“Eu gosto muito de música”, Marina. “Eu não canso de ouvir música”.

Eu também não.

FOTO

Lila é uma desordem só por ser. Marina é vulcão antigo. Hilda é árvore sóbria e enraizada. Fritz é quadro ajeitado na parede. Abadia é dilúvio, chuva que não para.

FOTO

Segunda aula. Eu volto em silêncio. Olhando as copas das árvores. Pensando na nossa pele quando envelhecemos. Somos realmente parecidos. Tudo que é vivo se parece.

FOTO

Embora eu não me lembre de inúmeras coisas, elas estão comigo, elas me formam no que sou hoje e cruzam o meu caminho sempre que possível. A apresentação que faço de mim é uma narrativa (às vezes fictícia, às vezes não) das histórias que lembro de mim e também as narrativas que alguém contou de mim. Todas essas memórias não-minhas que narrei são eu no

momento presente em alguma instância e, por terem sido tantas vezes contadas, por outras pessoas e depois por mim mesma, passaram a ser parte do grupo de memórias que eu conto sobre minha história. A memória do outro sobre nós é importante para que reconheçamos no outro a familiaridade, para nos sentirmos pertencentes a um grupo, uma comunidade, para nos sentirmos em casa.

FOTO

Marina nunca se casou, mas a presença do fisioterapeuta acende, dilata. Um homem no meio de tantas mulheres. Ele tem menos que a metade da idade delas. Mas é homem. Isso já o torna superioridade. “Acho que o de lá é macho, ele é mais forte”.

FOTO

- eu ainda ouço da cozinha, meu pai que ri dos meus medos de criança -

FOTO

“A canoa virou, quem deixou ela virar?”

FOTO

Essa memória é talvez uma das lembranças mais nítidas que tenho da minha infância. Lembrança boba que por algum motivo ecoa na minha cabeça desde que me lembro. Mas, apesar da nitidez e recorrência dessa memória, e também por dizer muito sobre o meu estado de atual pânico dos sons inesperados de panelas de pressão, há nessa lembrança um elemento que, embora eu não houvesse me esquecido, tinha perdido a sua importância: a grade que separava o nosso quintal de outro enorme quintal, ou melhor, o que existia além dela.

Depois de certa vez ter me lembrado desse dia, me atentei a essa parte da memória. Ao instante em que me agarrei na grade, minhas mãos apavoradas segurando a grade como se fosse ela a única possibilidade de me salvar daquele, na época, momento de morte certa. A memória recortada da grade me trouxe várias outras memórias de minha infância em que me relacionei com aquele mesmo objeto, com a possibilidade de saber o além dele. É interessante perceber a memória como uma espécie de rede elétrica, que basta um bom condutor e ela se espalha quase incontrolável.

Em uma dessas outras memórias recordadas, eu estou parada em frente à grade estudando a possibilidade de atravessá-la. Começo a escalada e subo até certo ponto. Por medo de cair ou de atravessar ou de não ter formas de voltar, eu desisto da aventura e volto a brincar de

qualquer outra coisa. Lembro-me da curiosidade em poder ver mais de perto o que eu só conseguia ver de longe, o que eu imaginava existir. Lembro-me da vontade de correr pelo gramado do outro lado de lá, misturada com o medo, mas ainda com a vontade do medo, de encontrar uma cobra no meio de todo aquele mato. Lembro-me exatamente do que é me sentir curiosa em ter medo daquilo que eu mais desejava fazer.

FOTO

“foi por causa da Juliana que não soube remar”

FOTO

Por muito tempo essas memórias foram simplesmente sendo deixadas de lado e só agora elas desfilam novamente por mim. Justo nesse momento em que me atrevi a ser professora de teatro. Justo nesse momento em que me atrevi a dar aula de teatro para idosos. A memória faz mesmo parte de um contexto. Talvez, se eu tivesse seguido outros caminhos, mesmo dentro do teatro, eu nunca me lembraria da grade, do enorme quintal, das freiras, ou mesmo que me lembrasse, daria menos poesia para essa memória, menos do que dou agora. Lembrar é também um ato de criação.

Falo dessas memórias porque acredito e confio na trajetória de minha vida. Acredito que o meu deslumbramento de infância pelos velhos que passeavam nos fins de tarde ou meio das manhãs tem a ver com meu interesse em dar aula para idosos. Acredito que, mesmo inconscientemente, vamos traçando nossas escolhas. Nós somos o resultado de várias memórias, as nossas, que nos lembramos convictos, as que inventamos e as que contam de nós. É isso que resta de nós. Memória.

Conto essas histórias porque elas me ajudam a encontrar no presente a razão de minha prática, porque dialogam profundamente com que tenho vivido, dialogam com o meu processo de aprender a ser professora. Conto essas memórias porque elas me fazem ter a certeza do meu caminho que já vem sendo há muito tempo traçado. Conto essas memórias porque são elas que me ajudam a manter sempre viva a curiosidade de saber o que é que existe além da grade que me separa do monte de velhinhos reunidos no matagal.

FOTO

Eu nasci em 2 de Janeiro de 1993, embora eu não me lembre disso. Até os dois anos de idade tive uma série de doenças respiratórias que me faziam viver mais tempo no hospital do que em minha própria casa, embora eu não me lembre disso. Aos três anos, perdi um amigo mais ou menos da mesma idade, embora eu não me lembre disso. Em uma dessas minhas visitas ao hospital, quando era ainda muito doente, acalmei minha mãe que chorava muito, cantando uma canção de ninar para ela, embora eu não me lembre disso. Tenho uma foto em que apareço sentada num gramado com um vestido azul marinho, tentando tirar um sapato que me incomodava muito (eu ainda não gosto muito de sapatos), embora não eu não me lembre disso. Já disse para minha mãe que seria freira porque freiras não precisam ser magras, embora eu não me lembre disso.

FOTO

Nós buscamos o reconhecimento do outro, pois isso nos aproxima do outro, estabelece uma linha de confiança. Quando você se lembra de mim, eu existo para você; se existo para você, pertenço (ou pertenci) ao mesmo grupo que o seu, e se pertencemos ao mesmo grupo somos corresponsáveis pela formação um do outro. É indispensável para nós sermos lembrados, todos nós desejamos não desaparecer da memória uns dos outros, pois esta memória nos lembra da nossa importância e isso nos importa.

FOTO

“Eu viro criança de novo”

FOTO

Fomos apresentadas pelos cantos. O que cantamos nos disse muito mais sobre nós do que se tivéssemos feito apenas uma troca nomes. Já na primeira aula, eu e Marianne Dias decidimos que faríamos uma roda de cantoria. Levamos um radinho que tocava as canções pedidas à medida que elas iam surgindo. É bonito ver as gerações se cruzando nos arranjos musicais, é bonito ver o ser que se revela diante da música. Tínhamos escolhido, não por acaso, começar com esse rodopio sonoro, precisávamos saber se a nossa ideia “daria certo”.

FOTO

Torna-se um pouco óbvio dizer que, também esse impedimento, reflete no papel social que essas mulheres ocuparam e ainda ocupam, antes como mulher, agora como idosas (ambas silenciadas socialmente, ambas não ouvidas). Durante esse processo eu pude perceber o

quanto, de fato, nós, membros dessa sociedade, não possibilitamos que determinadas vozes digam, cantem. O quanto nós determinamos os tons em que cada um deve existir, o volume que cada um deve ter. Claro que as mulheres e os idosos não deveriam nem falar: sussurrem, no máximo.

FOTO

“Nesse caderno aqui eu tenho coisas minhas, coisas de vocês, memórias que eu não quero esquecer”.

“Coitadinhas... elas vieram com tanto amor”. A aula era só com a Abadia. “Você também está nos recebendo com muito amor”. Abadia pede para chamar Hilda, mas Hilda não gosta das aulas de teatro. “Pois é, minha filha, cada cabeça uma”? “Cabeça”, eu respondo. “Sentença”, ela corrige sem querer corrigir. É absurdo o encantamento que eu sinto pela Abadia. Ela é linda e delicada como uma caixinha de música. Alegre e triste. Desejo e desistência.

“Escolha me lembra... um passeio para Nova York, uma viagem de cruzeiro pelo mar”. A Abadia de hoje não é a mesma da semana passada. Hoje ela disse que tem muita vontade de viajar, hoje ela não está esperando a sua hora. Abadia oscila entre uma profunda melancolia e um brilho no olho de quem vê o circo passando pela rua de casa. O circo passando pela vida.

“Tristeza me lembra choro”, a palavra vem acompanhada de uma voz engasgada. Eu preciso aprender a sentir as palavras como Abadia sente, preciso levar isso para casa. Abadia é professora de teatro sem saber.

“Vocês me emocionaram muito”, Marina chegou e já nos lançou em um quase rio. “Água simboliza os sentimentos”. “Eu dei aula muitos anos..., eu fazia isso que cês tão fazendo”, Marina diz isso enxugando as lágrimas. Marianne também enxuga as suas. “Alegria me lembra criança, casa cheia de criança”, Abadia fala de crianças e faz um movimento com a mão direita como se tocasse na cabeça de várias crianças de seis, sete, três anos.

“Eu não tive filho, mas gosto demais de criança”. Marina tem uma beleza sutil, é como gotas de chuva, que foi tempestade, mas que agora sabe ser suave. “Às vezes a gente usa força, quando na vida precisa ser leve”. Marina é doce. “Eu quase não rio”. Marina é forte.

FOTO

Isso aqui não é a sua aula de teatro, é a vida delas.

FOTO

“Eu preciso de uma cirurgia plástica”. “Confia no tempo”. “Olha isso, ruga aqui, aqui”. “Nós somos o tempo”. “Que horror!”. “O tempo tem todos os olhos”. “É né, minha filha”. “Nós somos o tempo”.

FOTO

“Chora não, minha filha”, Abadia diz com a voz engasgada para uma das enfermeiras. “A gente tem que ficar feliz”, Abadia diz com voz de choro. “Levanta-te Josué”, Abadia é religiosa. “Sorria, meu bem”, Abadia canta pra consolar a moça. “Sorria”, eu canto junto. “...da infelicidade que você procurou”, Mari canta junto. “Chorar pra que?”, todas cantam. “Chorar”, todas choram e riem e choram. “Se você chora, eu choro também”, Abadia retoma o sermão. “Eu te amo”, Abadia. “...não fica triste, deixa isso pra mim”. Silêncio.

FOTO

Quinta aula. Eu nem sei. “eu só sei de mim, só sei de mim, só sei de mim”. E olhe lá!

FOTO

Outra lembrança que tenho é de brincar no meu quintal e ver além da grade, no enorme quintal (que talvez nem fosse tão grande, mas era assim percebido por mim, que era a menor coisa do mundo depois das formigas e besouros). Passando pelo outro lado, uma freira que eu não via a cara, mas jurava que tinha cara de brava, andando de mãos dadas, às vezes com um velho, às vezes uma velha. Eu parava e olhava, descaradamente, a trajetória da freira com a pessoa de cabelos brancos. Lembro-me que a brancura dos velhos me hipnotizava. Eu acompanhava o passeio de fim de tarde ou meio da manhã até que ambos sumissem pra lá do mato.

FOTO

E o Teatro?

FOTO

Quando falo de silenciamento me refiro às ações concretas do dia a dia como, por exemplo, “fala mais baixo”, “não diz coisa com coisa”, “falando bobagem”. São maneiras, muito eficazes inclusive, de deslegitimar o modo de dizer e ser do outro, de desvalorizar o que o outro tem a dizer, de decidir o que é importante a ser dito e o que pode ser negligenciado sem nenhum pudor. Não seria surpreendente dizer que essas frases estão na maioria das vezes se referindo às pessoas consideradas inferiores, não importantes, não produtivas, como as

crianças, as mulheres, os negros, os moradores de rua, os idosos, os pobres. Nós precisamos identificar quem são as pessoas para quem “pedimos” silêncio.

FOTO

Abadia conta suas dores. O filho matado. O marido que morreu com câncer. O filho matado com “um tiro aqui”. O filho matado com um tiro no ombro esquerdo, “aqui”, perto do pescoço, “aqui”. Abadia abaixa a alça da blusa e mostra o lugar “um tiro aqui”, onde recebeu o tiro que deram em seu filho. Abadia não esquece.

“Tristeza me lembra choro”, a voz engasgada. “Não fica triste não, deixa isso pra mim”, os olhos engasgados. “Sorria, meu bem”, todas cantam.

FOTO

Só naquele momento, ao apalpar a dor das mulheres cujas crianças viveram mais no desejo do que na vida, alcancei a soleira da dor da minha mãe por aquela filha. Maninha não vivida apenas cinco meses, já que o tempo de um filho não se mede por dia, meses ou anos. Um filho é mundo sem tempo. Eu estava diante de mulheres empaladas pela dor. O resto era mal-entendido. Há mal-entendidos demais numa vida humana. (Brum, 2014, p. 23)

FOTO

É importante saber que quando se trabalha com idosos o fim é sempre uma possibilidade. Embora me incomodasse profundamente a convivência com essa hipótese, eu tinha que assumir para mim mesma que ela era verdadeira. Eu não podia simplesmente negar, tapar os ouvidos para aqueles que me diziam sobre a certeza de seu “dever cumprido”. Seria, sobretudo, cruel de minha parte negar e desdizer o que eles, com dor e às vezes com orgulho, tinham confiança para desabafar comigo.

Eu não queria, entretanto, ser movida apenas pela possibilidade do fim, pois assim eu negaria a vida que ainda corre, material, concreta nas veias. A vida é material. Por isso decidi trabalhar esta temática, porque sentia gritar nos meus ouvidos a necessidade de afirmar a vida que continua, mesmo mais lenta e com dores nos joelhos, mesmo incerta, mesmo que em linha tênue, mesmo que quase no fim.

Para reafirmar essa vida que ainda é viva, presente no aqui e agora, eu decidi que seria a partir do encontro verdadeiro, me colocando inteira diante daquelas pessoas, que eu chegaria a algum lugar. Aí que começou meu martírio. Eu propus algo que eu mesma não conseguia. Parece que nos esquecemos que trabalhamos em nós mesmos a temática de nossas aulas. Nos esquecemos que somos também atravessados pelas nossas propostas de atravessamentos. Eu

me esqueci completamente que eu estaria presente e envolvida com o meu tema.

Durante todas essas aulas eu tive que me deparar comigo mesma, com a minha indescritível dificuldade de olhar nos olhos, de estar verdadeira, de simplesmente estar. Só nesse processo veio à tona a minha incapacidade de pertencer, eu que estou acostumada a estar em vários lugares diversos por simplesmente não suportar a mesmo, por não saber lidar com a minha própria permanência e sentimento de pertencimento, estava agora sendo obrigada (por mim mesma) a me colocar em estado de permanência.

Eu estive profundamente incomodada com a minha escolha, que de início pareceu a melhor escolha do mundo. O fato é: quando eu decidi trabalhar sobre essa temática, eu iria trabalhar muito mais eu mesma do que os idosos. Hoje percebo que preciso estar preparada ou estar minimamente disposta a ser atravessada por minhas propostas. Eu não estava, mas não sabia disso.

FOTO

Nina volta com seu monólogo do deboche. “Eh Nina..., igual você não tem ninguém”. Ela me diz que acha “bom demais”. Que faz “tudo certo”. Que sabe “fazer”. Que vai me ensinar. Ensinar para todas. Que vai deixar escrito na parede para, quando ela não “estiver mais aqui”, todos poderem aprender. Nina é o outro nome para revolução.

FOTO

É como abrir a porta do quarto e se deparar com o mar.

Eu não sei nadar.

FOTO

“Eu viro criança de novo”. Abadia diz enquanto canta Alecrim dourado. “Eu tô cantando e lembrando”. O que será que ela lembra? Como ela lembra? Lembra mesmo? “A minha casa tinha dois cômodos”, ênfase no número dois. “A parede era de barro”, alisa a parede imaginada e eu espero ver a mão dela suja de terra. “Foi meu amor que me disse assim... Eu viro criança de novo”.

FOTO

A velhice se parece um pouco com a infância: momento de (re)descoberta e (re)encantamento. É quase como trazer a memória de perceber, surpreso, as coisas que são rotineiras, memória que é experimentada no toque das mãos e que faz a gente querer chorar, no desejo de comer a comida preferida, na vontade de sentir os cheiros que temperam o mundo, nos olhos erguidos para ver o passarinho que sempre pousa no mesmo lugar. São nesses desejos de perceber o mundo em gesto mínimo que permanece a vida dessas mulheres. São esses desejos que são importantes para nós.

FOTO

Diante de todas as minhas perguntas e do meu encontro com a minha dificuldade de pertencimento, eu me dispus a buscar em mim as razões de sua existência e os caminhos para lidar com ela. Me recordo, então, de minha infância, de quem eu era e por onde eu caminhei para estar aqui, nessa escolha da vida. Uma das grandes potências no aprendizado de ser professor é a possibilidade de olhar para as nossas raízes, para a criança que fomos. Encontrar, sim, as dores e os traumas, mas também nos depararmos com simplicidades tão alegres, nos enxergarmos poesia hoje, resultante das poesias que sempre fomos.

Por muito tempo, recordar a infância foi uma das coisas mais dolorosas que me arrisquei a fazer. Eu tinha em mim a memória de tantos sofrimentos que para mim eram e ainda são enormes, já que eu era a menor coisa do mundo depois das formigas de dos besouros. Eram as memórias das dores que me preenchiam: o sufoco pneumático, asmático aos dois anos; o sentir-me feia e errada perto de tudo que existe, aos seis; os choros, aos sete anos, na calçada enquanto meu pai e meu irmão brigavam do lado de dentro; aos oito anos, a certeza da morte e do inferno para mim que não era uma pessoa boa; a solidão aos nove; a certeza, aos dez anos, de que eu nunca seria amada; aos onze, a sensação de me sentir exposta; aos doze, o sentimento de que nem meus colegas, nem eu, nem Deus gostavam de mim; aos treze, o bullying; aos quatorze, a conclusão de que o mundo era o pior lugar de existência.

FOTO

“Hoje faz seis anos que eu perdi meu marido”, Hilda disse isso e mais algumas coisas sobre o marido que teve uma morte triste no mesmo dia da missa de sétimo dia de outro alguém da família. Disse que o marido tinha Alzheimer e numa noite cortou o fio do ventilador com um facão porque queria consertá-lo. Disse que apesar do Alzheimer, ele não ficou agressivo. “Porque tem uns que fica agressivo”. Contou de um homem que teve Alzheimer e bateu na

pessoa que cuidava dele. Hilda disse que costura para não ter Alzheimer, “pra ocupar a cabeça”. Hilda fala do sofrimento do marido, mas esquece do seu. Hilda disse que hoje faz seis anos que ela perdeu o marido. Disse isso e saiu.

FOTO

Me lembrei, então, da grade do fundo do quintal que eu gostava de contemplar; das cigarras que eu pegava com as mãos para sentir elas cantarem; dos cafês em fruto colhidos no pé e mastigados durante a tarde, das mãos enfiadas nos sapatos imaginando o restante do corpo; de fingir (ou não) falar com as plantas; da brincadeira de ser eu outra pessoa; da invenção de um portal que eu atravessaria para conhecer um novo mundo, de outras criaturas, onde eu enfim pudesse existir em paz; do desejo de ir pra floresta, de aprender a surfar, de pular de paraquedas; de criar gostosuras com o barro; de ligar a torneira e ver água escorrendo, imaginando uma enorme cachoeira; de imaginar que o coração da bananeira sangraria se alguém o machucasse; de controlar os ventos e a chuva; de ter pra mim as flores que via; de passar os dedos rapidamente pela chama de uma vela e me sentir forte o suficiente, a ponto de não ser queimada; dos shows em frente ao ventilador; de cuidar de beija-flor; da proximidade com os cachorros da casa; da descoberta que os medos, muitos deles, são inventados; dos pedidos que eu fazia a Deus em minhas orações noturnas para aprender a voar; da vontade de alturas.

FOTO

É responsabilidade grande demais ser professora desses que já são tão formados. É responsabilidade grande demais me atrever a sentir nas minhas mãos o tempo que se esfarela em um joelho velho. Eu cravo os pés no chão, com joelhos flexionados, o topo da cabeça apontando para cima. Eu sou uma professora teatro.

FOTO

Quando paro e olho para essas e outras tantas memórias que tenho de mim, me dou conta que a permanência sempre foi uma grande dificuldade. Eu me olho criança e vejo que sempre fantasiei com outros mundos, sempre brinquei de ser outros alguéns, porque eu simplesmente não queria ser eu. Eu não me reconhecia em mim, não pertencia a lugar algum em que estivesse. Os ombros curvados sempre foram uma forma de tentar me esconder, de não ser percebida e, mais a fundo, de não estar. Essa dificuldade me acompanha há anos, embora eu

nunca tenha me atentado a ela. Só agora quando me deparo novamente com ela é que me dou conta do quanto me construí sob essa perspectiva.

É curioso pensar em como acabamos trabalhando exatamente aquilo que precisamos trabalhar. Essa é sim uma barreira que preciso ultrapassar na minha trajetória em aprender a ser professora. O aprendizado está no conhecimento de si, de suas potências e de suas fragilidades, que existem juntas e formam o indivíduo como ele o é. Eu compreendo que minhas fragilidades também colaboram para eu ser quem sou, que minhas escolhas (profissionais, políticas, humanas), das quais me orgulho muito, estão ligadas à minha história. É bonito olhar para sua história e se reconhecer nela. É bonito gostar de si no agora sabendo que ele é fruto do que você viveu. Hoje eu olho a minha história com delicadeza suficiente para levar comigo, nas minhas aulas, toda a poesia que eu aprendi a ser.

FOTO

“Você não tem um coração, tem uma flor no peito”. Ela estava triste. O tema é o mesmo. O filho. Matado. Ela não se esquece do filho que hora ela chama de Reginaldo, hora chama de Rogério. Ela sofre a perda. Uma dor funda. Ao mesmo tempo acredita na justiça divina. Às vezes essa é única coisa que resta. Fé. Ela diz que na verdade foram duas pessoas que morreram. Diz que só de desgosto o marido morreu. “Omolossoma que chama” (eu nem sei se essa palavra existe). “Quem tem dois, tem um”. Eu tento prosseguir com aula, mas a essa altura já me perdi no meu plano, em mim. Abadia não para de falar do filho. Uma. Duas. Três. Quatro. Cinco vezes. Uma partitura. De repente muda: “Uai, isso aqui é meu?”, pergunta sobre a conchinha que coloquei em sua mão minutos atrás. A memória é mesmo uma piada.

FOTO

Primeira aula. Segundo semestre (?). “Eu acho bom demais”. Ainda ecoa na minha memória os olhos tristes de Abadia. O deboche com os olhos lacrimejados de Nina. Juscelino imóvel que agora faz parte do grupo. Uma senhora do Líbano que também é nova para mim. E Marina no esforço para não se esquecer do verso. “Também se ama de longe quem não pode amar de perto. Também... também AMA-SE de longe quem não pode amar de perto. Também se ama...de longe... quem não pode amar de perto”.

FOTO

De que serve a minha aula de teatro nesse espaço? Me olho confusa. Sinto que não estou conseguindo dar aula esse semestre. Tudo parece muito difícil. Sem rumo. Até para escrever estou tendo dificuldade. Eu sei lá o que estou fazendo!! De alguma forma sinto que perdi completamente o controle... sei que isso até certo ponto é bom. Mas que ponto é esse?

FOTO

Abadia foi empregada doméstica, mas deveria ter sido atriz. Ela diz que não tem vontade de mais nada, que só está esperando a sua hora, que já tem 83 anos, que está cansada, que já teve muitas perdas, “um filho matado”, que está muito cansada, que os joelhos doem, que está muito cansada, que só está esperando a sua hora, que trabalhou muito, que está “esperando”, que os joelhos doem e que não tem vontade de mais nada, que está cansada das dores nos joelhos e das perdas dos filhos matados, dos joelhos matados de tanto trabalhar igual uma condenada, que está esperando a sua hora de trabalhar com os joelhos condenados, mortos e os filhos cansados.

FOTO

Eu me sinto bem. Estou tentando aceitar que às vezes a gente quer mesmo fugir. Mas ficar também importa. E mesmo que eu fugisse, o que ficaria, ainda importa. O que é que eu deixo depois de ir?

FOTO

Não sei não se sou professora de teatro. Nessa altura não sei se tem muita importância ser alguma coisa. Ninguém vai lembrar de mim como professora de teatro. Ninguém vai saber o meu nome. Eu vou ser (mas não por muito tempo) “a moça do violão”, “a moça que canta”, “que tem a voz sentimental”. Isso me importa muito mais.

FOTO

Agora eu estou sentada na mesinha em frente ao bloco de teatro. Muitos cachorros por perto. Uma no cio. O sexo realmente é um dos sustentos da vida. Bem que Nina falou: “Tudo tem que ter sustento aqui” (aponta para próprio sexo). “Eh Nina..., igual você não tem ninguém”.

FOTO

Segundo dia. 1 hora de aula, só. Eu estou cansada, confusa. Acho que não sei ser professora. Não sei olhar nos olhos. Talvez esse seja um pré-requisito. Estou frustrada. Preciso aprender a ser mais de verdade. Eu viro criança de novo.

FOTO

*Última aula.
Todos esses que aí estão
Atravancando o meu caminho
Eles passarão
Eu passarinho. (Mario Quintana)*

FOTO

Eu encerro por aqui. Pelas coisas não sabidas, esquecidas, fingidas que são lembradas. Eu encerro e começo nas memórias inventadas. No eu que não é mais nada, além de invenção. Os nossos nomes são o que de menos importa. Eu me sinto cansada, é claro, mas vejo sim a possibilidade de começar de novo. A vida é um eterno nascimento.

FOTO

Para passar tempo, vê-lo passar e ser com ele passagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mariquinha é uma senhora de 90 anos que esteve hospedada no Belo Amanhecer durante a segunda parte de meu estágio. Às vezes cantarolava uma canção árabe que de verdade não sei o quanto era real e o quanto era inventada (e por isso também real). Uma vez esta senhora, durante um momento de cantorias, disse para mim que nunca tinha visto uma festa tão bonita quanto aquela. Esse gesto se repetiu em algumas outras aulas e só depois de um tempo eu descobri que, ao ser internada, a família disse a ela que estava sendo levada a uma festa. Mariquinha foi internada sem saber, alienada do próprio destino. Vive todos os dias acreditando na possibilidade de uma festa bonita, mas chora sempre que percebe que foi esquecida no salão.

O que primeiro me moveu a realizar meus estágios na casa de repouso Belo Amanhecer foi o desejo de me experimentar em espaços alternativos, não convencionais às aulas de Teatro. Interessava-me enxergar a mim mesma sobre outra perspectiva diferente da que havia experimentado dentro da Universidade. Interessava-me compreender como eu adaptaria o aprendizado que tive acesso na academia aos ambientes que não pertencem a ela, como me descobriria, sobre outra perceptiva, professora de teatro.

Depois de um tempo esse desejo de me experimentar sob outras perspectivas foi dando lugar à vontade de existir artista nos espaços ocupados por pessoas esquecidas, que por consequência disto, tornam-se os próprios espaços lugares esquecidos, propositalmente esquecidos. Na realidade acredito que este tenha sido meu interesse inicial, antes mesmo de eu perceber-lo. Começou a nascer em mim o desejo de fazer teatro em lugares que por convenção ele não seria realizado, lugares deixados de lado, esquecidos nos cantos do mundo.

E não por acaso, o esquecimento esteve presente com muita força nessa minha experiência. Primeiro o esquecimento me apareceu como condição de existência das pessoas com quem estabeleci relação, eu trabalhei com muitas idosas com algum tipo de “deficiência” ligada à memória (seja pelo acontecimento de envelhecer, seja porque algumas convivam com a doença de Alzheimer). Mas, além do esquecimento como diagnóstico médico, me deparei com o isolamento dessa parcela de pessoas, que são muitas (quantos velhos existem no planeta?), esquecidas por outra parcela de pessoas. Pessoas que apagam pessoas.

É sobre esse apagamento que busco refletir nesse último momento do texto (e talvez o primeiro de outro), percebendo as primeiras camadas aparentes com as quais tive contato imediato durante minha experiência e tentando compreendê-las no aspecto social, com um olhar um pouco mais amplo, entendo a realidade que presenciei não apenas como um fato

isolado, mas como consequência do caminhar constante e comum (não no sentido de normal, mas de normalizado) que a sociedade segue.

"Agora estou face a face com a morte, mas isso não quer dizer que não quero mais nada com a vida." (Oliver Sacks)

Certa vez, em uma das aulas, Abadia, enquanto contava das angustias que o filho vivo lhe causava, me disse com os olhos grandes e úmidos: “Quando a gente envelhece minha filha, a gente perde o valor”. Eu sei que aquilo me foi dito dentro de um contexto emoldurado pela mágoa da senhora capricorniana que num gesto quase orgulhoso exibia as próprias dores, como quem prova a própria bondade pela maldade alheia. Mas ainda assim, apesar dos possíveis clichês, aquela frase me tirou um tanto de fôlego.

“Quando a gente envelhece, minha filha, a gente vira objeto”, ela continuava ainda nas dores da mãe apagada da memória do filho, da anfitriã esquecida pelos herdeiros de seu trabalho, do ancestral que desaparece em meio a vida corrida dos dias. A velha que por toda a sua jornada trabalhou para que os filhos, enquanto vivessem, pudessem desfrutar de vida diferente da que ela resistiu, desaparecia na minha frente, mergulhada em tanto abandono e esquecimento. Alzheimer para não se lembrar de que tinha sido esquecida. Como os outros idosos daquele espaço (e de tantos outros), Abadia sofria por se perceber descartada do convívio das pessoas para quem sempre declarou a vida entregue.

Como ela, havia também Juscelino que chorava quando ouvia o próprio nome, como se, de repente, o nome o chamasse a participar da vida novamente. Na maioria das vezes, eu sentia como se ele estivesse se despedindo, cheio de saudades, desse mundo que já foi sua casa e que hoje não é mais.

Como eles, meu pai, de 73 anos, chora sozinho por medo de restar só.

Como ele, um senhor, morador de rua, que vi em uma noite fria e chuvosa na cidade de São Paulo, andava trêmulo, ensopado de água da chuva, cheirando as próprias fezes, morto (ou quase) de frio. Caminhava sozinho como alguém que vira objeto sem valor.

Se pensarmos no modo de vida que o meio de produção capitalista nos conduz, nos deparamos com a grotesca precificação de tudo que existe e, quando digo tudo, me refiro também às pessoas. Uma série de atividades humanas, que antes existiriam nos espaços comunitários apenas por existir, são atualmente etiquetadas, cada uma a seu preço.

Quando envelhecemos deixamos de participar desse modo de vida que exige de nós o preço da nossa existência. Deixamos de participar, ativamente, do maquinário produtivo de mercadoria. Deixamos de contribuir com mercado que atribui valor econômico para tudo que

existe. Considerando, portanto, que o envelhecimento de uma geração significa, dentro desse pensamento de produção, a perda de uma grande mão de obra trabalhista geradora de lucros (para quem os lucros interessam), envelhecer é, sobretudo, gerar gastos sem reposição.

Combinado à precificação da vida há também o constante apagamento que me parece estar em voga neste momento que vivemos: perda de direitos trabalhistas, reformas políticas que apagam o trabalho de gerações inteiras, dizimação dos povos indígenas, genocídio do povo negro (os que foram e os que seriam), destruição do meio ambiente sempre em nome dos futuros lucros. Ocorre nesse momento um apagamento de tudo que já foi passado e ancestral, um assassinato em massa de tudo que veio antes.

Então, o que enxergamos é uma sociedade que de um lado hipervaloriza o tempo presente, sendo esse o único tempo que interessa, pois sobre ele pode-se atribuir um valor econômico, no qual a velhice nada mais é do que um grande incômodo. E, de outro lado, mas caminhando paralelamente com primeiro, a perda, não desinteressada, do espaço das histórias e das pessoas que nos podem contá-las, pois o que interessa é o tempo presente (com disfarce de futuro promissor). Apagamento de pessoas caminhando lado a lado com o apagamento histórico. Estamos todos amnésicos.

Comparo esse apagamento ao que diz Walter Benjamin em um de seus textos que completa “Obras Escolhidas” quando se refere a figura do narrador que desaparecia da literatura. Sobre isto Benjamin diz:

Com isso, desaparece o dom de ouvir, e desaparece a comunidade dos ouvintes. Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. (BENJAMIN, 1996 p.205)

E completa:

E assim essa rede se desfaz hoje por todos os lados, depois de ter sido tecida, há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho manual (BENJAMIN, 1996 p.205)

Comparando a figura do narrador com o sujeito que envelhece, ambos são como anunciadores do passado, alguém que conta como os acontecimentos se sucederam para que hoje a vida aconteça como acontece. Ambos são transportadores de conhecimentos antigos e que perdem o espaço para um tempo dedicado ao verbo (sempre indicando ação, afazeres, verbos como máquinas industriais) e ao jovem (que é a máxima representação do verbo que acontece aqui e agora).

Quando penso nas palavras de Abadia alinhadas aos gestos de uma sociedade que indiscriminadamente incendeia seu passado (museus, matas e povos) em busca de um futuro que sabe-se lá a quem pertence, percebo o ciclo no qual estamos confinados: uma massa de gente que trabalha, envelhece e morre, deixando como herança outra grande massa de gente que também trabalhará, envelhecerá e morrerá e deixará mais outras tantas e tantas massas de gente. A voz de Abadia ressoa com mais força e me tira cada vez mais o fôlego. Sim, quando envelhecemos, perdemos o valor.

Durante todo o processo de estágio eu me questionei por que, para além dos meus interesses pessoais em trabalhar determinados temas, o teatro deveria ocupar aquele espaço. Por que o teatro precisa existir nos espaços esquecidos, onde ele mesmo não existe? E agora, depois de um tempo, como nave que se distancia da terra para então percebê-la, consigo esboçar alguma resposta.

Precisamos habitar esses lugares porque não podemos atuar como mais um espaço de exclusão, porque o teatro é (ou deveria ser) democrático, porque todas as pessoas deveriam ter o direito a experiências estéticas/artísticas, porque não podemos ser coniventes com o pensamento de que pessoas e histórias são descartáveis, para fazermos parte e possibilitar que mais pessoas também possam se sentir pertencentes a essa vida. A associação de uma sociedade que só pensa no presente, junto a um constante apagamento do passado só pode resultar num futuro confuso, desenraizado, frágil e suscetível. Resgatemos o passado para resistir os apagamentos do presente.

FOTO PARA OUTRO ÁLBUM

Lembrar-se de tudo que há para ser criado depois do ponto final.

BIBLIOGRAFIA

- BENJAMIN, Walter. O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In:* _____. **Obras Escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p.197-221.
- _____. Sobre o conceito da História. *In:* _____. **Obras Escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p.222-232.
- BRUM, Eliane. **Meus desacontecimentos**: a história da minha vida com as palavras. São Paulo: Leya, 2014.
- COETZEE, J.M. **ELIZABETH COSTELLO**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- LISPECTOR, Clarice. O grande passeio. *In:* _____. **Felicidade Clandestina**. Rio de Janeiro: EDITORA ROCCO LTDA, 1998, p.29-38.
- LOPES, Maria Cláudia Santos. **A voz e o sagrado**: cantos sobre poéticas da voz em contextos diversos. Dissertação (mestrado). UFU, Uberlândia, 2016.
- SACKS, Oliver. **Gratidão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- MÁRQUES, Gabriel Garcia. **Memórias de minhas putas tristes**. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- MOLLOY, Sylvia. **Desarticulaciones**. Buenos Aires: Eterna Cadência, 2010.
- SACKS, Oliver. **Gratidão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.